

TEC - CÂMARA DE ARQUITETURA E ENGENHARIAS (COMUNICAÇÃO COORDENADA)

NOME: SÉRGIO ANTÔNIO SILVA

TÍTULO: JOSÉ JOAQUIM VIEGAS MENEZES TRADUTOR DO TRATADO DA GRAVURA DE ABRAHAM BOSSE

AUTORES: SÉRGIO ANTÔNIO SILVA, SÉRGIO ANTÔNIO SILVA, ANA LETÍCIA KOSSOSKI FELIX COSTA

AGÊNCIA FINANCIADORA (se houver): PAPq UEMG

PALAVRA CHAVE: JOSÉ JOAQUIM VIEGAS MENEZES, TRATADO DA GRAVURA, DISPOSITIVO, DESIGN GRÁFICO, HI

RESUMO

O Tratado da gravura a água forte, e a buril, e em maneira negra com o modo de construir as prensas modernas, e de imprimir em talho doce, de Abraham Bosse, foi publicado pela Casa Literária do Arco do Cego, em Lisboa, no ano de 1801, com a tradução para o português feita pelo mineiro e padre José Joaquim Viegas de Menezes. Reconhecemos essa tradução – juntamente com o período de formação nas oficinas gráficas da Casa Literária do Arco do Cego – como um dispositivo sem igual para se estudar o percurso de Viegas Menezes no âmbito da tipografia, o que quer dizer estudar a história do surgimento da imprensa em Vila Rica e em Minas Gerais. O Tratado da Gravura condensa os ensinamentos de que Viegas precisava para imprimir, em Vila Rica, um livro em calcografia, ainda em 1806, considerado o primeiro livro impresso em Minas Gerais, e, depois, na década de 1820, montar sua tipografia, em sociedade com o português Pimenta e Sal, onde imprimiu os jornais também pioneiros na imprensa mineira. Nossa proposta, no âmbito geral desta pesquisa, é reeditar o Tratado de Gravura traduzido por Viegas, restabelecer seu texto em livro impresso, mais de dois séculos depois. Como se trata de uma pesquisa vasta, para esta ocasião destacaremos, para nossos comentários e análises, alguns aspectos relativos ao texto do Tratado da Gravura. Um desses aspectos diz respeito à opção de manter o texto tal como na edição de 1801. Essa opção tende a causar ao leitor, de imediato, um estranhamento morfológico, visual (por causa dos acentos diferentes, das letras duplicadas etc.), sintático (sobretudo o uso incomum da vírgula) e semântico (o sentido às vezes truncado) ao leitor. Consideramos que esse estranhamento, ao contrário do que se poderia supor, vá atrair o leitor, pelo viés da curiosidade do olhar e do desafio ao entendimento. Outro recurso pensado no projeto, referente ao texto, foi o de destacar, por meio da linguagem gráfica (no caso, a tipografia e a cor), fragmentos que funcionam no registro do breve ensinamento, do efeito de síntese, ou até de humor, como, por exemplo: A gravura não é mais do que uma imitação da natureza. Se a ponta do buril se amassa sem se quebrar, então he signal de que não presta. Ora não há certamente hum quadro feito com arte, onde se não descubra o manejo do pincel. Também destacamos um trecho de autoria do próprio Viegas (comparando com a edição francesa de 1745 usada para a tradução, podemos verificar essa autoria), inserido na parte final do texto de apresentação do livro, em que ele compara a gravura a buril a uma dama, e a gravura a água forte a uma donzela. Em resumo, a intenção é expor alguns aspectos desse projeto de reedição a partir da análise de escolhas e recursos aplicados ao texto do Tratado da gravura, demonstrando que a atenção do designer gráfico deve se voltar também para aspectos do discurso que se abre ao ensaístico e ao poético, o que lhe favorecerá na criação de projetos gráficos editoriais. Além disso, no caso específico do Tratado da Gravura de Bosse, trata-se de um texto que tem seu valor histórico, é praticamente um clássico que retrata todo um cenário áureo da gravura em metal.